

Artistas como Laura Fernandes mantêm viva a experiência coletiva do circo de rua em Porto Alegre



Reportagem Cultural

A arte que escolhe o asfalto

Gabrieli Silva, especial para JC

Quem caminhava pelo Parque da Redenção nos finais de semana entre 2005 e 2018 inevitavelmente tropeçava em um acontecimento. Sob a sombra das árvores, em meio ao areião, uma estrutura cênica se erguia logo cedo: paletes de madeira cortados serviam de arquibancada, um pano de fundo delimitava o picadeiro improvisado e caixas de som transformavam o Brique da Redenção – local histórico e coração da cultura popular de Porto Alegre – no mais democrático dos teatros a céu aberto. Ali, a fusão entre circo, teatro, música e a palhaçaria clássica – o chamado *clown music* – viveu seu auge entre 2011 e

2018, consagrando personagens que se tornaram patrimônio afetivo da cidade.

A presença do artista na calçada opera como a flor que fura o asfalto na célebre imagem de Carlos Drummond de Andrade em *A Flor e a Náusea*. Em meio ao tráfego, ao barulho e à rotina acelerada dos pedestres, a performance irrompe sobre o cinza da cidade para desacelerar o tempo e provocar uma imediata pausa no cotidiano urbano.

A rua, contudo, é um organismo em perpétua transformação. Se naqueles anos de ouro artistas lendários formavam público e viviam exclusivamente do chapéu, o cenário contemporâneo reflete um deslocamento complexo. O esvaziamento das

calçadas, a migração para salas formais, os impactos econômicos pós-pandemia e enchentes, a transição do dinheiro físico para as chaves Pix e as telas de *smartphones*, além de uma cidade que por vezes ignora seus criadores, alteraram a geografia da arte popular gaúcha.

Ainda assim, a rua resiste. Da memória da Bandinha Di Dá Dó e do Homem Banda até a linha de frente que hoje ocupa a Redenção e as sinaleiras da Capital, atores, malabaristas, músicos e ativistas teatrais mantêm acesa a chama da ocupação urbana. O fio condutor dessa jornada é justamente a inquietação: o que faz um artista escolher a rua? Por onde andam aqueles que marcaram época?

E o que a cidade perde quando seus palhaços deixam de atuar no asfalto?

A escolha pelo asfalto nunca é um atalho; é uma declaração de princípios. “Tem um senso comum de dizer ‘ai, que pena estar na rua’, nesse lugar marginalizado. Mas a rua é o maior dos palcos, o primeiro dos palcos. É uma escolha”, pontua a cirqueira Laura Fernandes, que atua há seis anos dividindo-se entre rodas de espetáculo e o trabalho direto no semáforo – um dos públicos e espaços mais desafiadores de todos. É essa mesma escolha que guiou gerações. Para o palhaço e músico Gabriel Chotguis Grillo, o Incrível Grillo – que iniciou nos semáforos em 2006 e integrou a Bandinha Di

Dá Dó –, estar na rua é acessar uma catarse única: “Depois que tu vives disso uma vez, se torna enlouquecedor não fazer mais isso. A rua realmente te reserva o inesperado que só ela pode oferecer. Lá estão as pessoas que não acessam qualquer outro local de consumo de cultura.”

Essa acessibilidade irrestrita é a espinha dorsal do circo urbano: não há horário marcado, poltrona numerada ou cobrança prévia de ingresso. Na mesma altura dos olhos, o executivo, a criança de colo e as pessoas em situação de rua compartilham a mesma gargalhada. É a utopia da convivência em uma cidade cada vez mais murada.

Leia mais na página central